

## RESUMO

CAVALLINI, Marcela M. *Movimento Caracol*. Orientador: Prof<sup>o</sup> Dr. Jorge de Albuquerque Vieira. Monografia de finalização de curso em Dança, Licenciatura Plena. Rio de Janeiro: Faculdade Angel Vianna, 2015, 2<sup>o</sup> semestre

Esse trabalho apresenta tentativas de se falar sobre a burrice através do encontro entre a performance e o estudo acadêmico, visíveis no entrelaçamento, respectivamente, da pesquisa corporal *Genius da Burrice* e da escrita desta monografia. Nessa co-operação surgiram umas formas que fracassaram e que talvez, por isso, desmontam certa ordem de se ater ao tema que aqui exponho. Mesmo assim proponho esse estudo em três direções: Inventário, Mutações e Processo. Longe de querer trazê-las num percurso linear de um tipo de escrita habitual de monografia é através do próprio ato performático da escrita, desfocado, que visualizo o pensamento do corpo e suas maneiras de existir em invenção, sendo essa via uma brecha imaginária para saber a mobilidade caracol.

Palavras-chave: *Genius da Burrice*. Co-operação. Tentativas. Caracol.

## ABSTRACT

This paper presents attempts to talk about the stupidity through the encounter between performance and academic study, visible in interlacing, respectively, body research *Genius da Burrice* and writing this monograph. In this co-operation emerged some forms that failed and maybe, therefore, disassemble certain order to stick to the theme that here expose. Nevertheless I propose to imagine this study in three directions: Inventory, Mutations and Process. Far from wanting to bring them in a linear path of a type of habitual writing monograph is through performative act of writing itself, metaphorical and metamorphic, I view the thought of the body and its ways of existing in the invention, and this via an imaginary breach for know a snail mobility.

Keywords: *Genius da Burrice*. Co-operation. Attempts. Snail.

## 1 INTRODUÇÃO

Esse estudo permitiu que os pensamentos sobre o tema em relação à experiência performática *Genius da Burrice* fossem acompanhados em suas aproximações, distanciamentos e confrontos ao longo da escrita monográfica que espero que você, leitor, visualize. As condições iniciais que impulsionaram tal envolvimento foram a leitura do texto *A Gênese da Burrice*, de Adorno e Horkheimer e a crítica à moralidade entorno do tema da lesão presente em alguns livros e discursos recorrentes no ambiente da dança. Procuo criar outro meio de encontro com a pesquisa, em condições modificadas, atentando-me aos pontos e linhas insistentes que foram se tocando, atritando-se e se rompendo durante a estruturação do texto. Disso, três partes foram criadas, que tentam se interrelacionar, que não convergem em uma unidade objetiva, tampouco numa solução. Não nego que o caminho para apresentar um estudo performático foi uma inquietação que apareceu no decorrer da escrita, e não antes como problemática metodológica. Atribuí a ela o modo habitual academicista de estruturar uma pesquisa, e que, alegremente, logo se dissolveu à medida que a relação entre o pensamento do corpo, o próprio tema e o desenrolar dos acontecimentos pediam para que fosse revista tal adequação. Sobre essa discussão da relação entre a investigação nas artes do corpo e metodologias

científicas FERNANDES (2013, p. 20-21) questiona em seu artigo: “A organização de uma pesquisa que segue padrões acadêmicos e métodos a priori não emerge da dança nem como processo criativo, nem como espetáculo, nem como performance (acontecimento em tempo real)”. Visto nessa perspectiva e considerando que a inquietação também se fez presente em todo percurso desse trabalho, proponho uma forma talvez menos orgânica e resolutiva e mais relacionada às necessidades de mobilidade da vida imaginária que foram se delineando nos campos de ação da escrita e do pensamento. Em relação aos capítulos, proponho:

- Inventário: aqui seria a invenção do motivo, a criação que é desencadeada pelo desejo e encontro com outros. Inventário também é uma ação que se tenta pós-morte, a transmissão de uma herança por um processo.
- Mutações: Surgimento de algo, aqui o que se forma e o que não se controlou, uma necessidade da vida quando interrogada pelo meio, a celebração em luta em relação às condições daqueles seres que sobreviveram.
- Processo: Nele há uma aproximação que desperta a experiência do borrão, a experiência de conhecer que cito quando em contato com outros autores. O deixar-se falar pelo outro, indo junto, desconformando certos pontos de apoio e acompanhando as forças de sujeição que esses movimentos provocam. Possuem uma tensão constante. O processo é passível de intervenção, sendo ele também propositor de invenções.

Falar em movimento caracol me sintoniza à metáfora usada por Adorno & Horkheimer no texto-base. Nele, as antenas do caracol, como símbolo da inteligência, têm uma vida tátil que identifica obstáculos, retraem-se para seu abrigo e voltam a ser externalizadas somente depois de um tempo maior, na repetição do ato. Sem me ater diretamente à questão da inibição das possibilidades evolutivas de que falam os autores, ao ter contato com o texto relaciono-o a uma pergunta que se torna oportuna nesse momento da escrita: como o conhecimento sensível pode ser transportado para moldes científicos de produção? Me aproximo da invenção de um pensar através de uma mobilidade caracol que, pela sua abrangência sensível, pode abarcar muitas coisas e trazer para seu abrigo rupturas geniais, aquelas forças que emergem de um ponto imperceptível, incontrolável e desconhecido. E que, ao mesmo tempo, estão disponíveis a formas de penetração de um tipo de saber, dentro de um outro corpo, esse já sujeitável e embotado. O burro, outro protagonista dessa fauna e afirmação de uma metáfora da nossa cultura linguística, é também de uma mobilidade andarilha, resistente, acompanha esse pensamento, sabe que a burrice está lá, pronta a ser a protagonista principal, a que ri, invoca e dança. É da sua criação o recomeço, a jornada em si, e menos o que foi dado e adquirido. O trabalho propõe responder à pergunta: Como emitir antenas em novas direções?

## 2 INVENTÁRIO

A princípio houve uma resistência em contar algo sobre a presente pesquisa. É de sua marca a fugacidade, as esquivas que tomam direções divergentes, a batalha em deixar ser dita, a sua pequena aderência a um corpo organizado, a teimosia em se encerrar. E ainda mais por esses motivos há uma atenção ao encontro com pensadores que trazem o tema de forma inquietante, e que fazem ela mesma se abrir para outras questões. Há um desejo em deixar com que esses encontros aconteçam. De encontros compreendo sensações, ideias, experiências de contato com pessoas conhecidas e desconhecidas e também outros seres, imagens que aparecem por meio de sonhos ou visões, emoções fortes, elaborações intelectuais, entre outras formas de existência e estímulos que desencadeiam fluxos de criação. Portanto, a ação de encontrar é múltipla, imprevisível, esvaindo-se ao longo do tempo, mas, mesmo que se perca, retorna com outras coisas e achados. A pergunta que norteia o tema é também pouco consistente, de uma qualidade quase arenosa, pois vai se desfazendo e refazendo através da ação que aqui me proponho traçar, a da

escrita sobre “como” trazer dois contextos, o da performance e o de um estudo acadêmico sob o tema da burrice:

“Performar e pesquisar a burrice parece tornar burro quem a acolhe, pois assim que a pega, deixa-se contagiar, é de um grande potencial virulento que afronta qualquer sentimento gregário e de pé no chão. Pois se certifico sua existência caio em suas malhas, tentando entendê-la atrás de pistas que muitas vezes não levam a lugar algum, se não, se a nego, confirmo uma rigidez em não querer adentrá-la. Talvez seja essa a ameaça, tornar-se parte indiscernível e encantar-se como em Kaspar Hauser, um modo onde tudo é a primeira vez e o diálogo usual com o mundo é interrompido. Sucumbir ao descontrole e tornar-se lento e de ouvidos bem atentos. Aquilo que não dá pra pegar e que é talvez seu próprio esconderijo, sua antena retrátil.” Em relação a essa esquiva ao se perguntar sobre a burrice, Marcia Tiburi, interroga: “Mas, nesse caso, quem, falando da burrice, quereria aprender algo com seu objeto, deixar-se tanger, e não escapar dele?” .

Fotografia 1 – Insurreição do Burro



Fonte: acervo pessoal / Fotografia: Patrick Gonçalves (2013)

A questão desse contato já propõe uma parada, uma pausa e aí uma primeira escuta sobre a questão de pensar a burrice. Acarreta-me um incômodo, um desajustamento diante de um primeiro possível sentido e isso, afirmando o pensamento de NIETZCHE (2008), seria como uma uniformidade conforme e feliz que pouco balançaria minhas próprias convicções. Espero e essa coisa continua lá, então torno a me mover pela necessidade de novos encontros que instiguem a questão que ora os coloco. Aqui, há um campo que se abre e que permite os pensamentos e as escolhas em ser tocados por esse tema, impregnado de afirmações que o localiza, valores morais e contextos sociais através dos quais se formam domínios da verdade que os identifica. E isso me instiga a pensar nas práticas que perfazem o meu entendimento de performance e corpo em relação ao tema que aqui me debruço, a burrice. Contornar um lugar para eles a priori, nesse texto acadêmico, talvez seja um processo de falecimento de parte da sua emergência

disruptiva. Assim como, a partir do pensamento foucaultiano, definir essas coisas seria o mesmo que carimbar uma verdade sobre, isolando-as de seus modos de subjetivação, ou seja, separando-as de onde elas estão e das forças presentes que as cruzam nas práticas. Esse processo de hierarquização do conhecimento, onde há separação de campos e domínios em relação a todo o resto penso que também não é interessante aqui. Então, se insisto e falo em tocar é porque é dessa forma de sentir que se articula corpo e meio quando abro uma página em branco no computador ou registro um vestígio sobre o tema em meu caderno de estudos. É nesse lugar de ação desperta, a do tato, onde se manifesta uma desconfiança sobre uma passividade no ato de conhecer, que me acorda para a sensibilidade (ou qualquer outro nome a que ela se refira) e que me faz retornar à existência vitalizadora da carne, a conexão de estar aqui, presente, nesse tempo e espaço de composição monográfica. Com o corpo debruçado sobre a máquina, recomponho-me e saio para outras buscas: “meu corpo é um ser tátil e tocante” (PONTY, M. 2014), e, sendo ele composto e decomposto por olhos interiores que têm, a cada piscar, algo que me volta novamente para o mundo. Experimento ações complexas com o que está dentro e fora e com o pensamento em ato que aqui tento expor. A descrição se torna dissociável e insocializável do modo habitual de pesquisa:

- Nos primeiros momentos, vivi uma experiência de uma brincadeira a três, a de posicionamento, onde a fala era catártica numa conversa às vezes incoerente e interrompida, atravessada por pessoas de fora e sintonizada por uma escuta a longo alcance. As antenas, por onde se sentiam os fluxos das falas, assim foram se afinando. Quando Genius se tornaram públicos, escuta e a visão ia se alternando à medida que se fazia cidade. Refletidas por um súbito flash pareciam nubladas, mas logo se revelavam em cores e nuances. Depois migravam partidas em mil pedaços, trazendo formas corporais contorcidas. A cidade, a princípio costumeira, corporificava-se. Ia se tornando densa, com uma respiração própria e intimamente desconhecida, como algo ainda a se constituir, a se formar, sem destino prévio. Esses seres, era, criaturas anônimas com face desprovida de características humanas, assemelhavam-se aos brincantes do imaginário popular brasileiro, os bate-bolas, os mascarados do Congo de Roda D'água e de outras manifestações de rua onde a máscara, a festa, a experiência imaginária e performática, no sentido de reinvenção das forças sociais são elementos marcantes. Fabricadas artesanalmente, elas tomavam forma conforme sua incorporação, desidentificando o portador.

Diante dessas multiplicidades, a pesquisa assim sofre, parte-se em vários pontos, migra para outras posições, torna-se insípida e inconclusa. Carece de resultado e de um corpo metodológico. Insisto, e por um descuido esbarro em outras visões. Esses movimentos me atentam para a possibilidade de visões mágicas e fantasmagóricas. Merleau-Ponty (2014, p.297) nos diz sobre essas possíveis zonas fantasmagóricas da experiência e que a racionalidade não dá conta. Ao mesmo tempo em que há movimentos constantes através da qual as percebo, há uma reivindicação que conserva a permanência de um lugar: a coexistência entre passado, presente e futuro, enviezando-se, liberando através da respiração suas forças e criaturas: o burro, o bobo, o gênio. Não em sua ordem verdadeira, de verdade evolutiva das etapas biológicas, mas de uma força que ganha corpo, libera alma e que o desmente como um lugar conhecido, um lugar onde todos esses encontros são possíveis. Onde é possível falar da burrice sem canonizá-la ou marcá-la com uma definição científica ou a partir de uma disputa ideológica, mas enfim, fazendo-a aparecer por outras vias, a da criação, por exemplo, que em si é atravessada por um ato político de posicionamento perante o mundo. Assim problematizo novamente essa pesquisa. Márcia Moraes (2010) na pesquisa Ver e Não Ver fala daquilo que nos escapa e que muitas vezes, em favor de uma assepsia do campo de pesquisa, colocado de lado e tornado outro, domesticado em favor de um refinamento do método. Ora o que é tornado outro nessa presente pesquisa são todos esses movimentos que ao tentar transcrevê-los como uma observadora da

própria experiência percebo o quanto já são outros e entre outros, e diante da impossibilidade fidedigna a um cogito, ergo sum, os recrio em encontro. No entanto, ainda sou interrogada por esse “esclarecimento”, desse outro que escapa, e isso me chama violentamente para outros encontros. Sem mais nada a dizer sobre o processo da experiência de Genius da Burrice, deparo-me com o homem em mim, aquele que abandonou as vias míticas em favor de uma razão instrumental e que insiste que algo precisa ser explicado e clarificado, dominado incisivamente para afastar tal escuridão, a escuridão entre o saber e o não-saber, assim, recorro das performances aquilo que ficou marcado. Inventamos uma ordem para as palavras, mapeamos os caminhos para que eles talvez possam ser novamente percorridos. E, aí, num certo estado de falência da eficiência, deixo que outros fluxos me ataquem nessa tragédia-comédia que, através, de FOUCAULT (2002, pg.17) anuncia-se: “o conhecimento [...] não é natural, é contra-natural”.

Figura 2 – Conversa entre Genius



Fonte: Acervo pessoal / fotografia: Erika Villeroy (2014)

### 3 MUTAÇÕES

Com tudo isso talvez queira dizer que não há aqui sequências lineares e uma forma acabada através das quais as coisas serão descobertas e descritas como a explicação de algo específico. Ao modo da criação artística e até dos porquês da história desses conhecimentos que navego (digo performance, dança e corpo ) há uma abertura para se afirmar as invenções e, até onde elas podem nos conduzir, a cada capítulo que se segue, a faíscas na perspectiva de um entendimento, na tentativa de embarcar o leitor em algum possível saber sobre a burrice que, longe de se fixar, é como um navio que aporta, mas que continua sem rumo. É nesse sentido que se apresentam como saber, em constantes movimentos de luta e risco das coisas se estabelecerem, mas também de morrerem. Nas mutações que seguem esse horizonte partido e com pequenas probabilidades que dê certo, proponho uma experimentação imagética de um pequeno esboço de poética fabulesca. Constitui-se a partir de uma reunião de forças diante da derrocada do enunciado ao final do capítulo anterior. Na tarefa de recontar - como surgiu Genius? Dou a chance de se vivenciar movimentos de ruptura, limites, mas também de conexões entre o

imaginário criado e outras vidas corpóreas. A inspiração veio da passagem Das três transformações do espírito de Assim Falava Zaratustra (NIETZSCHE F., 2002). O filósofo tem um modo próprio de escrita que rompe com a tradição filosófica e critica a universalização das experiências, que se fazem pela produção de conceitos creditados pela racionalidade, presentes tanto na ciência quanto na necessidade constitutiva da moral. Nas mutações do texto que se segue proponho a busca pelo saber sem ter que ater o leitor a um possível conhecimento pela via moral. Aqui o camelo virou burro, o leão o palhaço e a criança, genius.

Um burro,  
num lugar onde deita e  
espera o tempo passar,  
desvia a vista e avista algo,  
de estranheza rara,  
fruto do verde parco  
cruel e desenganado:  
-Não era obra do acaso!  
Na ânsia indigesta,  
Pela magia inesperada  
Investe na pressa  
e ingere o que lhe resta.  
Perde suas partes:  
sinais de uma anatomia regressa.  
Aleijado dos sentidos,  
Na mão do palhaço,  
Movimentos instáveis.  
Corpo amolecido,  
Cara coberta,  
Espírito de bobo imaculado.  
Trajante das ruas,  
Salta buracos  
Recua, desvia  
Ri em soluços, descompasso.  
Deita na praça,  
Mais cedo que tarde  
Distante o passado,  
Ainda leve e emplumado...  
Do fungo inalado,  
em tempos de lavas  
Sugado e acrescido  
Vira-se Genius  
Criatura amorfa,  
- Não cabe nem fora  
Por dentro é vento.

Figura 4 – Nascimento de Genius



Acervo Pessoal. Fotografia: Marcela Cavallini (2015)

#### 4 PROCESSO

Neste capítulo desencadeio alguns pontos de vista sobre o tema, o que pode parecer ao leitor um “borrão em ato”. Parte de uma sensação de inacabamento e embaralhamento diante do processo. Trago junto alguns autores, escolhidos por despertarem outras vozes e interrogações, situando a noção de corpo e também de arte sob a crítica das razões hegemônicas. Longe de querer submeter um e outro autor ou compará-los nas suas diferenças e semelhanças, que seria outro trabalho, proponho percorrê-los através das sutilezas à medida que o texto for se desenvolvendo. Esses toques foram me relacionando à burrice, fazendo vê-la em situações que não estavam explícitas, mas que poderiam provocar outras direções, pela própria força dos seus atravessamentos. Uma maneira de tornar a escuta um vento presente. Isso também chamo de co-operação.

Talvez a burrice não exista em si mesma como oposição à inteligência, mas se expresse através de uma escuta (de uma aprendizagem animal) para conectar diferentes variáveis como poder e vida, razão e natureza, percepção e pensamento, espírito e corpo. Uma ancoragem rápida em um desses pontos apenas também poderia me levar a pensá-la como interrupção de um fluxo, visto a propriedade de ampla defesa da razão e insistente esquecimento de outras perspectivas.

Como figura de linguagem, não é de hoje que a imagem do burro associada à da burrice sobrevive entre nós. Ela já adjetivou pessoas em contextos políticos e artísticos (esses mais frequentes na literatura). Na fábula O Asno de Ouro o personagem principal em um de seus trajetos aventurecos se vê metamorfoseado em asno e nessa forma passa por mal-tratos, sofrimento, carrega o peso dos humanos e é apenas um asno entre asnos. No entanto, escuta e compreende tudo que a eles se dirige, sendo responsável por parte da narração em off da história. Interessante nesse aspecto é o burro continuar atuando como personagem, agora como testemunha dos acontecimentos. Em A Roupas Nova do Rei, conto em que Hans Christian Andersen (1997) delineou o sentido da moral com relação à estupidez e trouxe como crítica a soberba intelectual, da qual o próprio rei é portador:

Quando o falso tecelão mostrou a mesa de trabalho vazia, o rei exclamou: “*Que lindas vestes! Fizeste um trabalho magnífico!*”, embora não visse nada além de uma simples mesa, pois dizer que nada via seria admitir na frente de seus súditos que não tinha a capacidade necessária para serrei.

No final da história, não poderia deixar de lembrar a vontade de potência da criança na espontaneidade da fala, é um chamado aqui para trazer NIETZSCHE (2008) e pensar sobre a negação dos desejos no ato de conhecer e a pobreza existencial com que a moral conduz os atos da grande maioria, enquanto naquele espírito ela é plena em realização: “A única pessoa a desmascarar a farsa foi uma criança: - *O rei está nu!*. O grito é absorvido por todos, o rei se encolhe, suspeitando que a afirmação é verdadeira, mas se mantém orgulhosamente e continua a procissão.”

Assim posto, a burrice é humana, ou de um tipo de humanidade produzida e escancarada, e por que não para alguns, mascarada? No dicionário aparece, em uma de suas definições, como substantivo daquele que desconhece algo ou quem não teve a capacidade de conhecer, onde reina a estupidez, a ignorância. Nos aparelhos de educação, tem espaço reservado àqueles que não alcançaram certa fama no rol do conhecimento. Será no burro onde se modeliza a correção de todo resto, não é à toa que o fenômeno do bullying é tão presente nas escolas. Pode-se dizer que ele é um denunciante da hierarquia, do capacitismo escolar e de como se constitui o campo do pensamento nas instituições sociais. Bem, mas a personificação desse animal não aparece só no âmbito escolar. Está muito presente na atmosfera dos debates atuais, nas mídias sociais e brincadeiras nas ruas. Nos primeiros casos, a burrice pode estar associada àquele que segue passivamente um fluxo, sem nele se deixar transpassar e modificar, possui uma precariedade interpretativa, fruto de uma manobra, ou seja, aquele que não realizou uma reflexão crítica acerca dos acontecimentos e que talvez não consiga permanecer em diálogo. Do outro lado dessa mesma moeda, a burrice pode ser daquele que não deseja o diálogo por uma posição endurecida, de uma verdade estabelecida, muitas vezes a seu próprio favor e que impede o encontro com outros. Sobre isso e em relação ao atual contexto da nossa sociedade Tiburi (2010) reflete tanto sobre a atmosfera de acriticidade e indiscernimento das ideias bem característico da nossa cultura diária e midiática, bem como os extremismos acadêmicos que se apoiam em textos, métodos e pensamentos como verdades estabelecidas.

Com isso observo que o pensamento, o corpo, a burrice, a inteligência não são ilhas onde os conceitos delineiam um lugar para estar, mas tratadas como tal, é lá, nessas instâncias de manifestação, onde são alimentadas como um nicho de culto e devoção, que são desencadeadas visões, contextos morais, crenças que perduram o conhecido, o classificável, o analisável, eficiente, inteligente em contrapartida ao estranho, obscuro, desconhecido, deficiente e burro. Nesses flashes de julgamento e de posição diante dos lugares, das pessoas, dos contextos, diante do que é diferente e inapreensível podemos lidar com o esvaziamento da nossa existência, mas é também lá, nesses pedaços de algo, na liberação desses nichos, no ir em direção ao risco do olhar o outro, que é possível o surgimento de vidas imagéticas por meio do pensar artístico com o corpo. Se a representação mentalista, seja ela no empirismo ou no intelectualismo, como diz Merleau Ponty, reduz a experiência corporal, proponho a performance como uma direção a se pensar a burrice e, principalmente, como uma via de aprendizagem imaginária, do encontrar uma cidade a se inventar. Talvez possamos viver a intensidade do corpo nesse co-operar.

Figuras 5 a 8 – Ondas de Genius



Acervo pessoal. Fotografia: Fernanda Marques (2015)

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor W., Max Horkheimer. Dialética do esclarecimento. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 1986, p. 239.

ANDERSEN, H. C. A roupa nova do imperador. São Paulo: Brinque-Book, 1997.

BERGSON, H. O Riso: ensaio sobre a significação do cômico. 2ª ed. Zahar editores, Rio de Janeiro: Zahar editores:1983.

FERNANDES, Ciane. Em busca da escrita com dança: algumas abordagens metodológicas de pesquisa com prática artística. Dança, Salvador, v. 2, n. 2, p. 18-36, jul./dez. 2013

FOUCAULT, M. A verdade e as formas jurídicas. Rio de Janeiro: Editora Nau, 2002.

\_\_\_\_\_. Vigiar e Punir. Vozes, 1998.

MANTERO, Vera. Desfazer-se. Texto compartilhado em mídia de relacionamento Facebook.. Acesso em: 17 nov. 2015.

MORAES, Marcia. PesquisarCOM: política ontológica e deficiência visual. In: Moraes, M. e Kastrup, V. Exercícios de ver e não ver: arte e pesquisa com pessoas com deficiência visual. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2010.

NIETZSCHE, F. Assim Falava Zaratustra. Versão para E-Book. Fonte Digital. 2002. Acesso em: 10 ago. 2014.

\_\_\_\_\_. A Gaia Ciência. 2ª edição. São Paulo: Coleção Grandes Obras do Pensamento Universal, Editora Escala, vol 45, 2008.

PONTY, Merleau-M. Fenomenologia da Percepção. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

TIBURI, Marcia. Paradoxo da Burrice, 2010. Disponível em:  
<<http://www.controversia.com.br/blog/13500>>. Acesso em: 10 ago. 2015